

Aquisição e variação das vogais médias pretônicas

Ana Carla Vogeley¹

Demerval da Hora¹

Marília Ana de Moura Aguiar

1. Introdução

O sistema vocálico do português é alvo de diversos processos fonológicos, devido a fatores prosódicos, fonotáticos, ou, ainda, por questões de ordem morfológica. De acordo com Battisti e Vieira (2005), as vogais que mais sofrem a influência de processos fonológicos são as vogais médias. Daí a importância dos estudos voltados para os fenômenos de variação, bem como seus fatores condicionantes, envolvendo-as nas mais diversas posições, sem perder de vista sua tonicidade.

Em relação a esses processos fonológicos, cujo alvo são as vogais médias em posição pretônica, destacam-se a neutralização, a harmonia vocálica e a redução. A neutralização é caracterizada pela perda de contrastes ou oposições no sistema, como no caso da pretônica na palavra ‘morango’, que, embora possa receber pronúncias com a média baixa ‘m[o]rango’ ou com a média alta, ‘m[o]rango’, não acarretam oposições em termos fonêmicos, por isso, é de natureza fonética. A harmonia vocálica é um processo pelo qual as vogais assumem traços de segmentos vizinhos, ou seja, assimilam a altura da vogal alta da sílaba seguinte, como ocorre em p[e]pino > p[i]pinu, c[o]ruja > c[u]ruja. A redução vocálica é uma

¹ Os autores Ana Carla Vogeley e Demerval da Hora fazem parte do Projeto Casadinho, financiado pelo CNPq, Proc. 620020/2008-3, parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e o Programa de Pós-Graduação em Linguística da USP.

espécie de redução da diferença articulatória que ocorre entre a vogal alçada e a consoante adjacente.

O estudos sobre as vogais médias, no Brasil, são mais voltados para o comportamento variável desses segmentos (Bisol, 1981, 1988, 2003; Viegas, 2003; Schwindt, 1995; Lee e Oliveira, 2003; Lee, 2008, 2009) do que para a aquisição do sistema (Rangel, 2002; Matzenauer, 2008, 2009); isso talvez se justifique pelo fato de a aquisição vocálica ser fácil e precoce. Assim, o estudo de aquisição das vogais, de uma maneira geral, tem se constituído um campo fecundo de investigações, devido à escassez de estudos nessa área. Embora não sejam abundantes as pesquisas sobre a aquisição vocálica em outras línguas, como o espanhol e o húngaro, maior é, ainda, a escassez de estudos sobre aquisição de vogais na língua portuguesa.

Este estudo parte da hipótese de que o comportamento variável dos segmentos vocálicos adquiridos reflète a variação da comunidade adulta. Parte-se da ideia de que o ordenamento de aquisição vocálica, no dialeto investigado, não pode ser enquadrado, totalmente, na perspectiva dos universais linguísticos, visto que depende das variações dialetais, ou seja, das variantes adotadas na comunidade de fala com a qual a criança interage. Argumenta-se, assim, que a ordem de aquisição dos segmentos vocálicos em crianças recifenses é diferente daquela encontrada em crianças do Rio Grande do Sul — RS, por exemplo, visto que, no dialeto da região Nordeste, há predomínio das vogais médias abertas em contexto pretônico.

Vale destacar a hipótese, de caráter mais teórico, que diz respeito a uma representação subjacente não unificada, mas diferenciada, baseada em critérios de ordem dialetal, para o português brasileiro (PB), cujo respaldo se encontra nas afirmações de Lee (2009). Essa hipótese está relacionada à ideia de que as vogais médias pretônicas do PB não são completamente especificadas na representação subjacente, sendo portanto, na fonologia, segmentos subespecificados. Esta hipótese, entretanto, não será aqui verificada, visto que a proposta é mais de cunho variacionista.

Com base na primeira hipótese, a análise será fundamentada nos seguintes pressupostos: (a) de que a variação das vogais médias pretônicas é inerente ao sistema linguístico, como postula o modelo variacionista laboviano (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov, 1972); (b) de que a variação também integra o processo de aquisição (Roberts, 2002).

Poucos estudos (Rangel, 2002; Matzenauer, 2008, 2009) investigam como ocorre a variação vocálica no processo de aquisição do sistema fonológico, no sentido de observar se as crianças já adquirem as vogais

médias conforme os membros de sua comunidade as articulam, sistematicamente, ou se ocorre algum padrão universal nessa aquisição, elegendo a forma variante do seu meio apenas quando há uma estabilidade em relação à aquisição do seu sistema, ou seja, quando este já está desenvolvido. Em geral, esses estudos reforçam, no Brasil, a ideia geral de que esses fonemas recebem uma pronúncia predominantemente fechada (média) nas regiões Sul-Sudeste, enquanto no Nordeste prevalece uma realização mais aberta (baixa), além de ser também um dos fatores de diferenciação entre as variedades linguísticas brasileira e portuguesa.

Considerando que, no Brasil, o quadro das pretônicas não é fixo, quando se trata das vogais médias, constituem-se como questões norteadoras deste estudo:

- Como as crianças adquirem padrões sonoros variáveis?
- Que diferenças podem ser encontradas entre o dialeto recifense e os demais dialetos brasileiros?
- Quais são os processos fonológicos que envolvem as vogais? A fala das crianças é afetada por processos comuns aos da fala do adulto, como a neutralização e a harmonia vocálica?
- De que maneira a variação encontrada na fala do adulto se reflete na fase aquisitiva?

Observar o fenômeno da variação na aquisição fonológica, assim como a variação fonológica na fala do adulto, pode trazer relevantes contribuições para o entendimento do funcionamento linguístico, tornando possível questionar e revisar os próprios modelos teóricos. Considerando, também, a hipótese de Fischer (1958) e Romaine (1978) de que a aquisição da variação social é realmente possível em crianças, o objetivo deste estudo é investigar o comportamento variável das vogais médias pretônicas, no processo de aquisição, em crianças da cidade do Recife-PE.

É necessário investigar como se dá a aquisição das vogais médias pretônicas, quais estratégias de reparo são usadas e que fatores intervêm na produção e na aquisição do sistema. Ainda que as crianças não apresentem dificuldades na aquisição de vogais, é possível estabelecer níveis de desenvolvimento, especialmente observando como se dá a aquisição em crianças de situações dialetais distintas, no sentido de observar como ocorre o fenômeno de variação na aquisição do sistema fonológico, especialmente do vocálico.

O estudo está assim estruturado: na seção 2, será apresentada a

metodologia, com detalhamento de suas partes; na seção 3, análise e discussão dos resultados. Não há, pois, uma seção voltada para os aspectos estritamente teóricos; eles estarão inseridos na própria análise.

2 Metodologia

Trata-se de um estudo que teve origem em uma investigação de campo, de caráter transversal e longitudinal, submetida à análise do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. A pesquisa foi aprovada sob o nº 050/2009.

2.1 Caracterização das crianças

A amostra total é constituída por dezesseis crianças, com idades entre 0:10; 19 e 4 anos, sendo quatro observadas de forma longitudinal e doze de forma transversal, como será detalhado em seguida.

Para o estudo longitudinal, a amostra foi composta por dados de quatro crianças, extraídos do *corpus* de Cavalcante (1999). Houve o acompanhamento de duas meninas e dois meninos entre dez meses e um ano e dez meses de idade, aproximadamente, conforme está esquematizado no Quadro 1.

Quadro 1. Faixa etária dos quatro informantes do *corpus* longitudinal

Informante	Idade em ano, meses e dias
C1 (SF)	0:10 — 1:4;10
C2 (SM)	0:10 — 1:4
C3 (SM)	1:0 — 1:3
C4 (SF)	1:6 — 1:10

A amostra transversal foi composta por doze crianças, de ambos os sexos, com idade entre 2 e 4 anos, nativas e residentes em Recife — PE. O controle da amostra, com base nos parâmetros variacionistas, ocorreu a partir da estratificação por idade e sexo. Sendo assim, participaram doze crianças, sendo seis do sexo feminino e seis do sexo masculino, estratificadas, ainda, em quatro grupos pela idade.

Quadro 2. Estratificação da amostra transversal por sexo e faixa etária

12 Crianças	6 (feminino)	De 1:10 a 2:20 anos: 3 crianças
		De 3:4 a 4:0 anos: 3 crianças
	6 (masculino)	De 2:1 a 3:0 anos: 3 crianças
		De 3:1 a 4:2 anos: 3 crianças

Todas as crianças que participaram nasceram e residem em Recife-PE. Nenhuma passou mais de seis meses fora da cidade ou teve contato intenso com pessoas de outra naturalidade. Vale salientar que todas as crianças possuem os pais naturais de Recife.

2.2 A coleta dos dados

Com base nas hipóteses levantadas, que consideram não apenas fatores linguísticos, mas também questões de ordem social, a coleta de dados ocorreu em três etapas distintas:

- Levantamento do perfil sócio-econômico e psicossocial das crianças: a partir de um questionário psicossocial, desenvolvido por Queiroga et al. (2008), para obter alguns dados relacionados aos critérios de inclusão e obter dados referentes ao contexto sociocultural das crianças, o que pode ter alguma relação com os aspectos linguísticos aqui encontrados.

- Procedimento de eliciação de fala (dirigida): refere-se à coleta dos dados transversais a partir de uma atividade de nomeação, através de um instrumento com 86 vocábulos, devidamente balanceados, conforme as variáveis envolvidas no estudo, como contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e tonicidade da sílaba, que já foram destacadas pela literatura na área. Foram consideradas, ainda, na seleção das palavras, as possibilidades de neutralização, de elevação e de harmonia.

- Fala espontânea: procedimento de coleta utilizado na construção do *corpus* longitudinal de Cavalcante (1999).

Os dados foram gravados e transcritos foneticamente, a partir do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), na Folha de Registro. Posteriormente, os dados foram analisados, tanto numa perspectiva descritiva e qualitativa, quanto estatisticamente, adotando os pressupostos da Teoria Quantitativa da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, propostos por Labov. Assim, foram consideradas todas as variáveis linguísticas como as supracitadas e as extralinguísticas, como idade e sexo.

Optou-se por oferecer um tratamento variacionista dos dados, pelo fato de se propor a analisar as possibilidades de realização das vogais médias pretônicas num processo de aquisição. Tendo, portanto, uma base Sociolinguística, este estudo visa a determinar em que condições ocorrem as diversas realizações das médias pretônicas, estabelecendo os fatores linguísticos e sociais que determinam a ocorrência das variações desses segmentos no português brasileiro falado por crianças recifenses em período de aquisição fonológica.

2.3 As análises das variáveis

Os dados foram submetidos a análises qualitativas e quantitativas. A parte quantitativa da análise diz respeito à análise variacionista. Dessa forma, os dados (tanto os linguísticos, obtidos na eliciação de fala, quanto os extralinguísticos, obtidos mediante o questionário) foram submetidos a um tratamento estatístico, utilizando-se o programa GOLDVARB (Robinson; Lawrence; Tagliamonte, 2001).

Foram estabelecidas como variáveis dependente e independentes:

Variável dependente

Com base nas possibilidades de realização das vogais médias em posição pretônica, no dialeto em questão, a forma como a vogal média foi produzida corresponde à variável dependente. Assim, tem-se uma possibilidade de análise ternária, envolvendo as seguintes variantes:

- Vogal média alta [e, o];
- Vogal média baixa [ɛ, ɔ];
- Vogal alta [i, u].

Variáveis independentes

As variáveis independentes controladas dizem respeito a, de um lado, variáveis linguísticas ou estruturais, como: (a) vogal da sílaba seguinte; (b) contexto fonológico seguinte; (c) contexto fonológico precedente; e (d) contiguidade da pretônica em relação à tônica (distanciamento da tônica), de outro lado, a variáveis extralinguísticas ou sociais, como: (a) idade; (b) sexo.

O *target*

Para estabelecer o *target* de aquisição, foi necessário recorrer aos dados de um estudo prévio desenvolvido por Vogeley e Hora (2008) sobre o emprego das vogais pretônicas no dialeto de Recife, cujos dados foram coletados utilizando o mesmo instrumento de eliciação de fala e

foram também analisados na perspectiva da teoria variacionista laboviana.

Esse estudo observou que, no dialeto recifense, as médias baixas são muito mais frequentes que as médias altas, em posição pretônica, independentemente da idade ou sexo. Em relação ao comportamento variável das médias, diante de fatores que favorecem ou não a realização de cada vogal, os resultados mostraram que as médias são realizadas, prioritariamente, como médias baixas, em casos de neutralização ou mesmo de harmonia, ou como altas, resultantes de um processo de elevação, nos casos de harmonia vocálica, o que significa dizer que as crianças optaram pelas variações: média → alta ou média → média baixa, mas, raramente, realizaram a média alta. As médias altas só foram realizadas em contextos super facilitadores, pois só ocorreu em casos diante de vogais médias fechadas, na sílaba seguinte, como no caso da palavra sorvete → s[o]rv[e]te, cebola → c[e]b[o]la.

Esse estudo preliminar ajudou a traçar um perfil sociolinguístico, no que se refere ao comportamento variável das vogais médias pretônicas no dialeto investigado, e será utilizado como parâmetro comparativo, em termos de alvo de aquisição. Isso porque o período de aquisição de linguagem pode refletir o falar de toda uma região geográfica, obedecendo aos fatores internos que condicionam a variação, caracterizando a variante de toda a comunidade.

3. Análise e discussão dos resultados

A análise dos dados tem como objetivo observar a variação das vogais médias pretônicas em crianças recifenses, no percurso de aquisição fonológica. Acredita-se que esses dados podem revelar de que forma a variação observada na comunidade adulta é possível em crianças.

Do conjunto de fatores controlados, apenas foram selecionados como significativos para o estudo: vogal seguinte e contexto fonológico seguinte. É deles que a discussão a seguir dará conta. Vale destacar que os dois fatores sociais controlados (sexo e idade) não foram selecionados, mesmo com o controle de ambos em todas as células.

3.1 Vogal da sílaba seguinte

Como pode ser observado, nas Tabelas 1 e 2, foi mais frequente o uso da variante média baixa [ɛ, ɔ] e da variante alta [i, u], decorrente tanto de um processo de redução como de harmonia, havendo pouquíssimos casos da média alta [e, o], cuja ocorrência está condicionada à presença de uma vogal média alta na sílaba seguinte.

Tabela 1. Frequência das pretônicas de acordo com o contexto vogal da sílaba seguinte

VOGAL SEGUINTE		Média Alta	Média Baixa	Alta	Total	%
Baixa	N ²	15	176	68	259	24
	%	6	68	26		
Nasal	N	1	127	60	188	18
	%	0	67	32		
Média Alta	N	143	2	147	292	27
	%	49	1	50		
Média Baixa	N	1	115	42	158	15
	%	1	73	26		
Alta	N	42	1	118	161	15
	%	26	1	73		
Total	N	202	421	435	1058	
	%	19	40	41		

*Resultado distribucional (No Recode)

Tabela 2. Frequência das variantes das vogais médias pretônicas

Emprego da média pretônica	N	%
Alta	435	41
Média baixa	421	40
Média alta	202	19
Total	1058	100

² N corresponde, sempre que usado, ao número de ocorrências.

De maneira geral, os resultados mostram que é privilegiado o uso da média pretônica baixa e da forma elevada, como nos casos dos itens lexicais que foram realizados **sempre** com a pretônica média baixa, como em (1).

(1)

[ɛ][ɛ]fante	v[ɛ]sario	s[ɔ]la	ch[ɔ]c[ɔ]late
t[ɛ][ɛ]visão	p[ɛ]sada	j[ɔ]mal	vi[ɔ]lã
m[ɛ]ancia	s[ɛ]lula	s[ɔ]fã	p[ɔ]p[ɔ]ta
p[ɛ]fume	t[ɛ]cado	pic[ɔ]lé	m[ɔ]lango

E das palavras em (2), que foram sempre realizadas com vogal alta, tanto nos casos de redução, como de harmonia vocálica:

(2)

p[u]liça	[i]spelho
c[u]uja	[i]scada
t[u]mate	p[i]queno
j[u]elho	m[i]nina
f[u]guete	[i]stea

Considerando que a 'competição' foi maior entre o emprego das médias baixas e das altas, foi realizada uma análise de significância entre essas duas formas linguísticas concorrentes, cujos resultados estão na Tabela 3.

Tabela 3. Emprego da variante média baixa versus alta em relação à vogal seguinte

Vogal Seguinte	Média Baixa	Alta
Nasal	.86	.14
Média alta	.02	.98
Baixa	.87	.13
Média baixa	.81	.19
Alta	.02	.98

O emprego das vogais médias pretônicas baixas [ɛ, ɔ] foi mais produtivo quando havia a vogal baixa [a] na sílaba seguinte, com peso relativo .87. Isso quer dizer que das 421 ocorrências da vogal média pretônica baixa, 176 ocorrências foram diante de uma vogal baixa. Os outros dois contextos vocálicos seguintes mais favoráveis ao emprego da média baixa pretônica foi a vogal nasal seguinte, com peso relativo .86, e a vogal média baixa seguinte, com peso relativo .81. Ou seja, das 421 ocorrências da vogal média pretônica baixa, 127 foram seguidas de uma vogal nasal e 115 foram seguidas de uma média baixa.

A nasalidade da vogal seguinte mostrou-se um contexto fonológico favorável ao emprego da média baixa e isso merece uma atenção em estudos futuros, no sentido de observar se apenas a baixa nasal interfere, caracterizando um processo de harmonia, ou se é mesmo o traço [+nasal] que engatilha a média baixa, como aparece em melancia ‘m[ɛ]lancia’, ‘p[ɛ]rfume’ e ‘pr[ɛ]sente’.

De uma maneira geral, o emprego da média baixa foi determinado não só pela presença da nasal, mas pela presença da vogal baixa [a] ou de uma média baixa na sílaba seguinte, como já foi referido anteriormente na análise distribucional, a exemplo de palavras como ‘c[ɔ]cada’, ‘b[ɔ]lada’, ‘pic[ɔ]lé’, ‘t[ɛ]l[ɛ]fone’ e ‘t[ɛ]clado’.

Pode-se, com base nisso, afirmar que o emprego da vogal média baixa em posição pretônica é condicionado pela vogal baixa, média baixa e nasal seguinte, podendo estar relacionada, também, a um processo de harmonia vocálica.

Houve pouquíssimos casos em que a variação se deu entre as médias baixas e as médias altas, ou uso exclusivo da média alta, como em (3).

(3)
v[e]rm[e]lha
t[e]lh[a]do
s[o]rv[e]te
r[e]p[o]lho
b[o]b[o]leta ~ b[ɔ]rb[o]leta
l[e]ão ~ l[ɛ]ão

Embora as crianças usem, sistematicamente, as médias baixas e as vogais altas, caracterizando um processo de elevação em posição pretônica, poucos são os casos com a média alta. E os que ocorreram sempre foram como resultado de um processo fonológico, principalmente de harmonia vocálica.

O emprego da vogal média alta em posição pretônica foi bem menos produtivo, com apenas 202 ocorrências, o que equivale a 19% das ocorrências totais das vogais médias pretônicas. O uso da média alta pretônica mostrou-se ser condicionado pela vogal média alta seguinte. Isso quer dizer que, do total de 202 ocorrências para a vogal média alta, 143 foram seguidas de vogal média alta. Poucos casos do emprego da média alta pretônica foram influenciados pela vogal alta seguinte.

O cruzamento dos dados permitiu verificar a interferência da vogal da sílaba seguinte no processo relacionado à pretônica. O emprego da média alta foi condicionado sempre por um processo de harmonia com a vogal média alta na sílaba seguinte, com frequência de 49%, como no caso das palavras ‘s[o]rvete’, ‘r[e]polho’, ‘v[e]rmelho’ e ‘c[e]bola’, cujo comportamento foi categórico.

Os únicos casos em que a vogal baixa [a] apareceu como fator condicionante da realização da média alta foi na palavra ‘t[e]lhado’, com resultado categórico. Em palavras como ‘teclado’ e ‘sofá’, a produção era sempre de uma média baixa. Isso pode ser justificado ou pela líquida palatal (Wetzels, 1992), ou pela etimologia da palavra ‘telhado’, que tem uma estrutura derivada morfológicamente da palavra ‘telha’, preservando-se, assim, a vogal média fechada, ainda que diante de uma vogal baixa.

De acordo com Schwindt (1995; 2002), o processo de harmonia vocálica, assim como outros processos vocálicos, pode ser motivado por questões de ordem morfológica. Considerando que a morfologia é o componente que trata da estrutura interna das palavras, não se pode deixar de defender sua estreita interface com a fonologia. E, assim, pode-se pensar em um caso de difusão lexical.

No entanto, com base nos fatores escolhidos pelo programa como significativos, acredita-se que o emprego dessa vogal média alta pretônica, nesse contexto, se trata de um processo de ordem fonológica, a partir das ligações múltiplas da líquida palatal, provocando espraiamento, conforme a proposta de Wetzels (1992).

Como foi dito anteriormente, as variantes mais empregadas, envolvendo o comportamento variável das vogais médias pretônicas, foram as médias baixas e as altas, resultados de processos de elevação, sendo quase equiparados, com uma pequena diferença de maior ocorrência para a elevação.

É interessante observar que, como esperado, as produções das altas [i, u] em posição pretônica, no processo de elevação ou de harmonia, foram frequentes quando, na sílaba seguinte, estava presente uma vogal média alta (.98) ou uma vogal alta (.98), como ilustram os exemplos em (4).

(4)

v[i]tido	c[u][u]ja	j[u]elho
p[i]pino	c[u]zinha	f[u]quete
[i]pelho	f[u]miga	p[i]queno
[i]cova	m[u]chila	t[i]zoa

Assim, a aplicação da regra de alteamento ou elevação foi condicionada, na maioria das vezes, pelo processo de harmonia vocálica, como ocorre em *perigo* > *pirigu*. Mas, além dos casos motivados pela vogal alta seguinte, caracterizando processos de harmonia vocálica, houve também casos de elevação, seguidos de vogal média alta e até mesmo de vogal baixa, como nos exemplos em (5).

(5)

t[u]mate	b[u]lacha
f[u]gã	t[u]alha
b[u]neca	[i]scola
c[u]lé	[i]cova

Esses casos podem ter motivações diferentes, considerando, por exemplo, a consoante seguinte e a consoante precedente, como será referido a seguir, na análise do contexto fonológico seguinte. Diferentes da harmonia vocálica, esses casos podem caracterizar um processo de redução vocálica, com outros condicionamentos de natureza fonética.

Há, ainda, um caso interessante em que não houve elevação, ainda que o contexto fosse favorecedor para tal processo. A palavra “Recife”, pelo fato de ter, no contexto vocálico seguinte, uma vogal alta, deveria sofrer um processo de elevação na sua média pretônica. Onze das doze crianças, entretanto, apresentaram a forma ‘R[e]cife’, com média alta [e].

Isso pode dever-se à amostra ser pequena ou por ser composta apenas por crianças, uma vez que se observa, nessa comunidade, adultos realizarem a elevação da pretônica, cuja explicação encontraria respaldo na própria estrutura da palavra, cuja vogal tônica é uma alta. Resta, então, a sugestão de observar essas questões em uma amostra que contemple crianças, adultos e idosos, para perceber a variação e a possível mudança. Uma outra possibilidade de explicar a categoricidade voltada para esta palavra seria entender como um caso de difusão lexical.

É importante destacar que, na palavra “borboleta”, houve o emprego da pretônica média baixa, bem como da média alta, havendo,

assim, a possibilidade de aparecerem as duas formas concorrentes, com a média baixa e com a média alta. No entanto, vale salientar que sempre que a pretônica era realizada como média baixa, a pré-pretônica também o era, assim sempre funcionando em conjunto as pretônicas.

Em casos como [ɛ]l[ɛ]fante, t[ɛ]l[ɛ]fone e ch[ɔ]k[ɔ]late, não há ‘abaixamento’ enquanto processo fonológico, mas há o emprego da média baixa, sem aplicação de qualquer processo. A ideia é que ou a criança mantém a média baixa subjacente (sistema especificado para o dialeto recifense) ou aplica a regra de harmonia. Quando a regra de harmonia é aplicada, o fenômeno ocorre em cadeia, até a borda esquerda da palavra. Pode-se pensar ou que a criança revela a representação da pretônica como um *chunk*³, ao invés de duas sílabas pretônicas independentes, ou como duas sílabas, aplicando duas vezes a mesma regra, encadeada. Isso quer dizer que, se em uma palavra como ‘chocolate’ ou ‘televisão’, houver o emprego da média baixa pretônica contígua à tônica, haverá também o emprego da variante média baixa pretônica que antecede a pretônica mais próxima da tônica.

Apresentada a análise para a vogal da sílaba seguinte, a seguir será tratado o contexto fonológico seguinte.

3.2 Contexto fonológico seguinte

De acordo com as Tabelas 4 e 5, observa-se um forte condicionamento das líquidas no emprego da média baixa pretônica. Esse condicionamento também foi verificado em pesquisa com adultos, sobre a variante falada no Rio de Janeiro, como revelam os resultados do estudo de Callou e Leite (1986).

³ Unidades linguísticas, como unidades fonológicas, palavras e estruturas sintáticas cristalizadas, enquanto agrupamentos armazenados no léxico.

Tabela 4. Frequência das pretônicas de acordo com o contexto consoante seguinte⁴

CONSOANTE SEGUINTE		Média Alta	Média Baixa	Elevada	Total	%
Fricativa [+coronal]	N	39	39	128	206	19
	%	19	19	62		
Fricativa [-coronal]	N	36	88	36	160	15
	%	22	55	22		
Plosivas e nasais [-coronal]	N	33	14	23	70	7
	%	47	20	33		
Vogal	N	5	51	34	90	8
	%	5	57	38		
Plosiva [+dorsal]	N	3	38	46	87	8
	%	3	44	53		
Apagamento	N	43	71	88	202	19
	%	21	35	43		
Plosivas e nasais [+coronal]	N	16	15	44	75	7
	%	21	20	59		
Líquida	N	27	105	36	168	16
	%	16	62	21		
Total	N	202	421	435	1058	
	%	19	40	41		

A outra classe de consoantes que foi favorável, enquanto contexto fonológico seguinte à realização da pretônica como média baixa, foi a das fricativas [-coronal].

⁴ Nesta tabela, temos a frequência das três variantes pelo fato de o Programa não rodar com variável ternária o peso relativo, diferente da Tabela 5, em que temos apenas o peso relativo referente a duas variantes: alta e média baixa. A Tabela 4 indica que as variantes mais frequentes são: alta e média baixa, concorrendo entre si.

Tabela 5. Emprego da variante alta x média baixa em relação à consoante seguinte

Consoante Seguinte	Média Baixa	Alta
Plosivas e nasais [-coronal]	.41	.59
Fricativa [-coronal]	.63	.37
Vogal	.58	.42
Plosiva [+dorsal]	.29	.71
Apagamento de consoante intervocálica ou de coda	.45	.55
Plosivas e nasais [+coronal]	.42	.58
Líquida	.76	.24
Fricativa [+coronal]	.31	.69

*Binomial up and down

Este estudo concorda com os achados de Yacovenco (1993) sobre as velares como condicionantes, visto que a classe das plosivas [+dorsal] motivou o alteamento ou a elevação.

As consoantes, em contexto fonológico seguinte, que também favoreceram a elevação foram as fricativas [+coronal] (.69), nas quais se encaixam as consoantes [s], [z], [ʃ] e [ʒ], em consonância com os estudos de Pereira (1997), como ilustram (6a) e (6b):

- (6) a. m[u]jila
t[iz]ora
- (6) b. [iʃ]tada ~ [i]tada
[iʃ]cada ~ [i]cada

Este dado é muito importante, se se considerar que, mesmo apagando a coda (6b), que é realizada foneticamente como uma fricativa palatal, as crianças demonstram ter uma representação subjacente desse fonema. Se por um lado a fricativa coronal condiciona a elevação e, por um processo de apagamento, a criança não realiza o som que serve como gatilho e, mesmo assim, com esse segmento suprimido, ainda ocorre a elevação, é porque há, de algum modo, a “existência” subjacente desse fonema.

Os exemplos em (6b) revelam a tendência à elevação da vogal média coronal pretônica em início de palavra, seguida de fricativa coronal. Essa tendência, muito comum também entre adultos, pode ser formalizada a partir de uma regra fonológica, uma vez que se mostrou categórica.

De certa forma, esse dado se relaciona ao tipo de sílaba na qual

a pretônica se encontra, embora não tenha sido estabelecido como variável neste estudo. No entanto, vale ressaltar que, de acordo com Marques (2006), o tipo de sílaba CVC, com a coda /R/ e /S/, é favorável ao abaixamento, ou seja, propicia a aplicação da variante pretônica baixa. Os dados desse estudo concordam em parte com esse achado, visto que a coda CVR demonstrou ser facilitadora do abaixamento, como nas palavras ‘j[ɔ]rnal’ e ‘p[ɔ]rfume’, mas a sílaba do tipo CVS não foi significativa nesse processo. Isso porque a coda /S/, no dialeto recifense, recebeu uma pronúncia absolutamente [-anterior], decorrente da palatalização comum deste dialeto. Além disso, nota-se, nas crianças, um constante processo de apagamento de coda, contribuindo para que os dados se relacionassem a uma estrutura CV, que constitui um padrão de estrutura silábica menos marcado e, logo, utilizado com mais facilidade pelas crianças no período aquisitivo estudado.

Assim, em relação ao processo de elevação por redução, o tipo de sílaba mais favorecedor foi o CVS e o VS, como o esperado, uma vez que a coda realizada como palatal, na cidade do Recife, condiciona mais ainda a aplicação da regra de alteamento.

Foi muito interessante esse dado da interferência das palatais (fonéticas) na aplicação da elevação, especialmente em termos de contribuição para a fonologia clínica, visto que, em terapias com crianças diagnosticadas com desvios fonológicos, na clínica fonoaudiológica, já se tem evidências empíricas acerca dessa relação. Crianças com problemas no traço posterior, presente nas palatais, ou seja, com processos de anteriorização (do tipo chocolate > socolate e janela > zanela) têm mais facilidade em conseguir a produção da palatal se essa estiver seguida de uma vogal alta e/ou precedida. No caso do vocábulo “muchila”, esse contexto é duplamente favorecedor, mostrando-se, assim, a co-interferência entre palatais e vogais altas (elevação), ou seja, tanto a vogal alta favorece a palatal, quanto a palatal condiciona a elevação da média, como se vê na representação na Figura 1.

Esse fenômeno de elevação ou alçamento, com uma consoante palatal adjacente, é justificado pela geometria dos traços de Clements & Hume (1995), visto que, nesse processo, há um espraiamento do nó terminal de abertura dominado pelo nó vocálico da consoante palatal, interpretada como uma consoante com articulação secundária; regra, assim, idêntica à da tradicional harmonia vocálica (Bisol, 1989).

A realização da média alta [e, o] teve relação com as fricativas na sílaba seguinte, sejam elas [+coronal] ou [-coronal] e, principalmente, com o processo de apagamento, embora este tenha sido mais favorecedor à elevação. Poucos foram, no entanto, os casos de realização da média alta, como em (7).

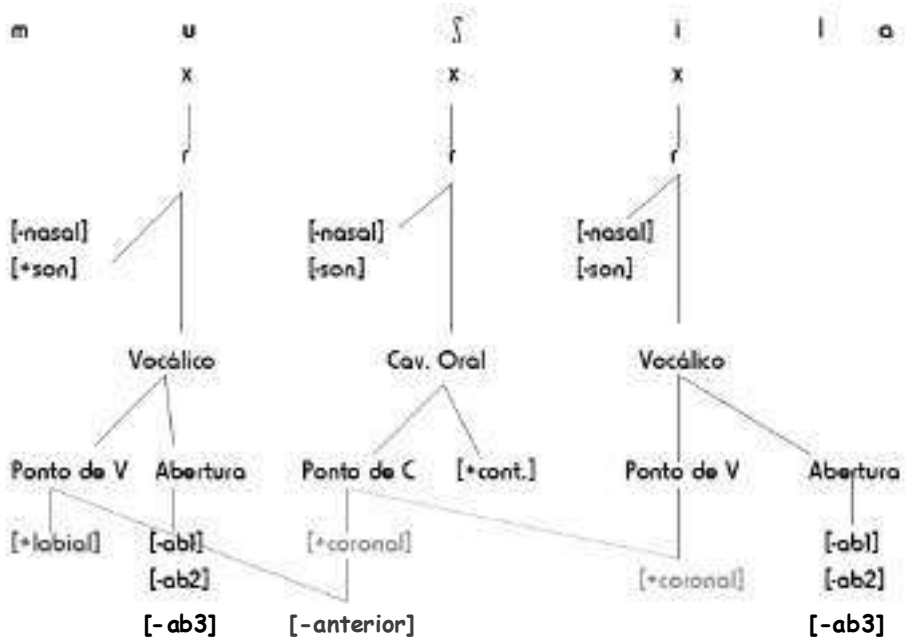


Figura 1 . Espriamento e interferência das palatais na aplicação da elevação

(7)

r[e]vista

s[o]vete

j[e]sus

Há, como se vê, algumas consoantes que favorecem mais a elevação das médias, como é o caso das nasais e palatais. Se a consoante seguinte favorece a presença da média alta é algo que precisa ser averiguado com mais cautela, pois em muitos casos ela pode estar condicionada muito mais pelo traço da vogal da sílaba seguinte, principalmente se essa for a tônica, como é o caso de 's[o]rvete'. Casos como 'r[e]vista' e 'j[e]sus', não raramente, podem ter as vogais pretônicas elevadas.

4. Considerações finais

Em função do que se observou na análise, pode-se concluir que a criança recifense reflete em sua fala o mesmo processo de variação encontrado no adulto, exceto em alguns casos que poderiam refletir um processo de difusão lexical, a exemplo do uso recorrente da palavra 'Recife',

em que a média alta é a mais utilizada. Independentemente disso, a variação encontrada entre crianças no processo de aquisição denota que o processo de transmissão é fundamental no delineamento do perfil linguístico em qualquer faixa etária. Com isso, a vogal média pretônica baixa, para muitos aberta, é ratificada como a variante mais produtiva entre os nordestinos.

Outro aspecto interessante que este estudo revela diz respeito ao desencadeamento do processo de harmonia entre essas mesmas crianças. Enquanto, no sul do Brasil, a vogal alta é a grande responsável pela sua realização, no dados de Recife, qualquer vogal poderá desencadeá-lo.

Esse estudo, portanto, traz mais esclarecimentos para a compreensão do comportamento das vogais médias pretônicas, segmentos tão analisados e discutidos na literatura que trata do português brasileiro.

Referências

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. "O sistema vocálico do português". In: BISOL (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BISOL, L. *Harmonização vocálica*. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

_____. "A vogal pretônica e a diversidade dialetal". *Ilha do Deserto*, Florianópolis, v. 20, pp. 9-18, 1988.

_____. "Vowel Harmony: a variable rule in Brazilian Portuguese". *Language, variation and Change*, v. 01. Cambridge University Press, pp. 185-198, 1989.

_____. "A neutralização das átonas". *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, Editora UFPR, 2003, pp. 273-283.

CALLOU, D.; LEITE, Y. "As vogais pretônicas do falar carioca". *Estudos Linguísticos e Literários*, 5, 1986, pp. 151-162.

CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, IEL, Campinas, 1999.

CLEMENTS, N.; HUME, E. "The internal organization of speech sounds". In: GOLDSMITH, J. (org.). *The handbook of phonological theory*. London: Blackwell, 1995, pp. 245-306.

FISHER, J. "Social influence of a linguistic variant". *Word* 14, 1958, pp. 47-56.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEE, S. H. Contraste das vogais no PB. *Portuguese-Brazilian Studies*, v. 5, pp. 201-221, 2008.

_____. Contraste das vogais no PB e OT. In: *Seminário do Gel*, 57. Ribeirão Preto: GEL, 2009. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6033-09>>. Acesso em: 10.08.2009.

_____; OLIVEIRA, M. A. “Variação inter- e intra-dialetal no Português Brasileiro: Um problema para a teoria fonológica”. In: OLIVEIRA, D. H.; COLLISCHONN, G. (org.). *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: 2003, pp. 67-91.

MATZENAUER, C. L. B. “A sensibilidade das vogais médias pretônicas no processo de aquisição do português brasileiro”. *Libro de Resúmenes - XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina ALFAL*. Montevideo: Universidad de la República, 2008. v. 1. p. 271-271.

_____. “Sobre as vogais médias pretônicas na aquisição do português brasileiro”. *Revista ORGANON*, UFRGS, 2009.

PEREIRA, R. C. *As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano*. Dissertação (Mestrado) — Curso de Pós-Graduação em Letras / CCHLA, UFPB, 1997.

RANGEL, G. A. *Aquisição do sistema vocálico no português brasileiro*. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

QUEIROGA, B. A. M. *et al.* “Aquisição do rótico em posição de coda medial por crianças recifenses falantes do português não padrão”. Congresso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina, 15. *Anais...* Montevideo: ALFAL, 2008.

ROBERTS, J. “Child language variation”. In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (orgs.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2002.

ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S. A. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. Heslington: University of York, 2001.

ROMAINE, S. “Post-vocalic /r/ in Scottish English: sound change in

progress?" In: TRUDGILL, P. *Sociolinguistic patterns in British English*. London: Edward Arnold, 1978, pp. 144-158.

SCHWINDT, L. C. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

_____. "A regra variável de harmonização vocálica no RS". In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, pp. 161-182.

VIEGAS, M. C. "O alicamento de vogais médias pretônicas e as consequências de diferentes recortes na amostragem". *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 134, pp. 307-318, dez. 2003.

VOGELEY, A. C. E; HORA, D. O. "Aquisição das vogais médias pretônicas". *Livro de Resúmenes - XV Congreso Internacional de la ALFAL*. Montevideo : Gega s.r.l., 2008. pp. 150.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança da linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WETZELS, W. L. "Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese". *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23, pp. 19-56, Campinas, 1992.

YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas na fala culta carioca*. Dissertação (Mestrado) — UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

Resumo

O sistema vocálico pretônico do português é alvo de processos fonológicos, como neutralização, harmonia vocálica e redução. Os estudos sobre as pretônicas, no Brasil, são mais voltados para a variação, que para a aquisição. No entanto, é necessário observar a aquisição desses segmentos em crianças de situações dialetais distintas, analisando como ocorre a variação na aquisição. Considerando a hipótese de que a aquisição da variação social é possível em crianças, o objetivo deste estudo é investigar o comportamento variável das vogais médias pretônicas, no processo de aquisição, em crianças da cidade do Recife–PE. A amostra desta pesquisa foi constituída por dezesseis crianças, com idades entre 0;10;19 e 4 anos, sendo quatro observadas de forma longitudinal e doze, transversal. Para a eliciação da fala, foi feita atividade de nomeação, através de um instrumento com 86 vocábulos balanceados, considerando as possibilidades de neutralização, redução e harmonia. Os dados transversais foram analisados com a utilização do pacote estatístico Goldvarb. Quanto aos processos fonológicos, o mais comum foi o de assimilação, tanto no caso da harmonia, como de redução, este com menor ocorrência. A harmonia domina todos os outros processos, considerando que ocorre não apenas entre as vogais médias pretônicas e altas da sílaba tônica.

Palavras-chave: aquisição, variação, vogais médias pretônicas.

Abstract

The portuguese pretonic vowel system is the target of some phonological processes such as neutralization, harmony and vowel reduction. Studies about pretonic vowels, in Brazil, are more focused on the variation than on the acquisition. Although children do not have difficulties in the acquisition of vowels, it is possible to note the acquisition in children from different dialectal situations, analyzing how the variation occurs in the acquisition. Assuming that the acquisition of social

variability is possible in children, the aim of this study is to investigate the variable behavior of middle pretonic vowels in the phonological acquisition, in children of Recife-PE. The sample of this study consisted of sixteen children, aged 0:10; 0:19 to 4 years, four observed on a longitudinal design and twelve on cross-sectional one. For the elicitation of speech, a test which requested the identification of objects including 86 balanced words was applied, considering the possibilities of neutralization, reduction and harmony. Data were recorded and transcribed. The cross-sectional data were analyzed using the statistical package Goldvarb. The most common phonological process was the assimilation, both in the case of harmony and reduction. Harmony dominates all other processes, considering that it occurs not only between the middle and high vowels of the stressed syllables.

Keywords: acquisition, variation, middle unstressed vowels.